



DESCOLONIZANDO O ENSINO DE ARTES NA UNIVERSIDADE ATRAVÉS DE PRÁTICAS E AÇÕES EXTENSIONISTAS

DECOLONIZING ARTS EDUCATION AT UNIVERSITY THROUGH EXTENSIONIST ACTION AND PRACTICE

Marcelo Roberto Gobatto¹

Universidade Federal do Rio Grande - FURG

RESUMO

O texto apresenta uma série de ações de extensão universitária realizadas entre 2017 e 2023 no Curso de Artes Visuais Bacharelado - Universidade Federal do Rio Grande que se situam no contexto das ações afirmativas, no combate ao racismo contra negres e indígenas e na perspectiva da promoção da interculturalidade. Tais ações tiveram impacto positivo na formação de discentes e repercussão na comunidade universitária e são exemplos de como apresentar respostas ao eurocentrismo que predomina no campo do ensino e da pesquisa na universidade brasileira. Apresentamos também as contribuições de autores importantes para mediar esse debate, como Aníbal Quijano, Leda Maria Martins, Patricio Guerrero Arias, Orlando Fals Borda, Adolfo Albán Achinte, Paulo Freire, Isael Pinheiro da Silva, Pablo Albernaz, José Jorge de Carvalho.

PALAVRAS-CHAVE

Decolonialidade. Ensino de Artes. Extensão Universitária. Interculturalidade. Educação Antirracista.

ABSTRACT

The following article presents a series of university extension actions carried out between 2017 and 2023 in the Bachelor of Visual Arts at the Federal University of Rio Grande (FURG) in the context of affirmative action, the struggle against anti-black and anti-indigenous racism and through the perspective of promoting interculturality. The aforementioned actions had a positive influence on the education of students, an impact on the university community and are examples of how to present answers to the prevailing eurocentrism in the field of education and research in Brazilian universities. We also present the contributions of important authors in order to mediate this discussion: Anibal Quijano, Leda Maria Martins, Patricio Guerrero Arias, Orlando Fals Borda, Adolfo Albán Achinte, Paulo Freire, Isael Pinheiro da Silva, Pablo Albernaz e José Jorge de Carvalho.

KEYWORDS

Decoloniality, Arts Education, University Extension, Interculturality, Antiracist Education.

¹ Artista visual, curador, realizador de vídeo e professor adjunto da FURG. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4442828546090695>.



1

Iniciamos este texto problematizando a necessidade de descolonizar currículos, metodologias e práticas de ensino e pesquisa a partir de um recorte de alguns referenciais teóricos que propõem um contraponto ao eurocentrismo.

Quijano nos propõe o conceito de colonialidade do poder, do saber e do ser como uma forma de entender a dominação europeia em Abya Yala. Apesar do fim da colonização (no campo político), o eurocentrismo permanece como elemento de dominação eficaz do ponto de vista epistemológico e cultural:

Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a idéia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua *racionalidade específica* (grifo nosso), o eurocentrismo. Esse eixo tem, portanto, origem e caráter colonial, mas provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido. Implica, conseqüentemente, num elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico (QUIJANO: 2005, p.117)

No Brasil ao longo do século XX a dominação colonial, apesar da independência política, se expandiu através da imposição da língua e da escrita aos povos africanos e indígenas. Leda Maria Martins investiga como se dá a inferiorização dos povos africanos. Uma das ideias que perpetram essa posição vem de Hegel, autor que apesar do seu racismo fundamenta as noções de estética e filosofia da arte em nossas universidades. Leda, em sintonia com a leitura de Quijano, cita:

Esse pensamento hegemônico está presente como desvalorização do continente africano, nas ideias de Hegel sobre África: “A África não é parte histórica do mundo. Não tem movimento, progressos a mostrar, movimentos históricos próprios dela. [...] espírito a-histórico, espírito não desenvolvido, ainda envolto em condições de natural [...] como no limiar da história do mundo (MARTINS, 2021, p. 24)

A base dessas estratégias de dominação é o eurocentrismo, modo de racionalidade baseado na objetividade e que fornece a base filosófica para a ciência moderna e sua pretensa neutralidade na apreensão do mundo e da realidade, com sua verdade



“universal” (sic). Em contraposição, alguns pensadores de Abya Yala (ou da América do Sul) têm trazido contribuições para pensarmos as epistemologias dos povos originários nas universidades, como é o caso de Patricio Guerrero Arias, antropólogo equatoriano, que utiliza o termo “corazonar”:

A colonialidade do saber não se impõe apenas como hegemônico um epistemocentrismo que tem sido instrumental para o poder, mas negou a existência de outras formas de saber, de outras sabedorias a partir das quais a humanidade teceu a vida. Uma das formas mais perversas de colonialidade do poder e do ser tem sido a negação da afetividade no conhecimento, a dimensão do humano se fragmenta em nome da razão cartesiana ocidental hegemônica, enquanto para sabedorias xamânicas, os seres humanos nada mais são do que, “Estrelas com coração e consciência”.

O que propomos neste artigo é que CORAZONAR constitui uma resposta política insurgente à colonialidade do poder, conhecimento e ser, uma vez que desloca a hegemonia da razão e mostra que nossa humanidade é constituída na inter-relação entre afetividade e razão e cujo horizonte é a existência, portanto, Corazonar desde as sabedorias insurgentes ao significado das epistemologias dominantes, pode contribuir para a construção não só de uma proposta acadêmica e epistêmica diferenciada, mas, sobretudo, de outros sentidos da existência (GUERRERO ARIAS: 2010, p.102).

Orlando Fals Borda, pesquisador e sociólogo colombiano, também aborda esse conceito junto com a noção de sentipensar. Noemi Villaverde Maza, antropóloga espanhola, traz uma contribuição valiosa para compreendermos esses termos a partir da cosmovisão dos povos originários:

Para nosotros los maya tseltales el O’tan-Corazón es un centro importante en nuestra cosmovisión y pensamiento. Todo se corazona. El pensar (yo’taninel snopel) y el hacer se corazonan (yo’taninel spasel-smeltsanel). Sentipensamos para sentisaber, por lo tanto somos “sentipensantes” y nos volvemos “sentisapientes”. Así, la conjugación del corazón y la mente, más que una dicotomía en disputa es una paridad que se complementa y que conforma la racionalidad maya-tseltal (MAZA:, 2024, s/p).

Maza cita uma das origens do termo sentipensar, e nos faz perceber como muitos povos originários não se deixaram “dominar”, se insurgindo contra a colonização e a colonialidade mantendo vivos saberes ancestrais em suas práticas cotidianas: “Nosotros actuamos con el corazón, pero también empleamos la cabeza, y cuando combinamos las dos cosas así, somos sentipensantes” - Le dijo un pescador de San



Benito Abab (Departamento de Sucre, Colômbia) al sociólogo Orlando Fals Borda. Encontramos proximidades dessa forma de pensar nas filosofias dos povos africanos e na filosofia guarani, como veremos a seguir.

Se a dominação cultural é uma estratégia da colonialidade, é preciso revisar alguns conceitos ou ao menos problematizá-los, para de fato propor práticas decoloniais efetivas. Entender a importância do uso de epistemologias plurais no ensino de graduação, especialmente nos cursos na área das ciências humanas é um ponto de partida - assim como revisar as metodologias de ensino e pesquisa a partir de uma racionalidade que se contraponha ao eurocentrismo - ou como afirma Guerrero Arias, em contraponto ao epistemocentrismo.

Nesse sentido, devemos observar que nos currículos atuais de muitos cursos de graduação em Artes Visuais do Brasil, a exemplo dos cursos de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), onde atuo, a maioria das disciplinas (senão todas) ainda têm como paradigma a arte europeia e universal, e isso ocorre tanto nas teóricas, como em boa parte das práticas e procedimentos artísticos ensinados em nossos ateliês, oficinas e laboratórios. Um dos fatos que pode nos ajudar a compreender a violência desse paradigma europeu é a demora com que respondemos às demandas da sociedade em geral e do movimento negro e do movimento indígena em incluirmos de modo mais radical e contextualizado os conteúdos e práticas relacionados a cosmovisão e cosmovivência dos povos africanos e indígenas. Apesar da recente ação por parte de intelectuais brasileiras/os no sentido de revisar a história da arte brasileira, com a participação expressiva de pesquisadoras/os negras/os e indígenas e com o recente protagonismo de artistas negras/os e indígenas nos circuitos hegemônicos da arte, especialmente no sudeste do país, além de inúmeras ações e ocupações de espaços independentes, o campo das artes nas universidades continua resistente a mudanças mais radicais.

Outra questão importante a tratar é a questão da geopolítica nas artes e a valorização de saberes e da cultura local. Há uma falta de disciplinas que abordem especificamente a arte local e regional, o que seria desejável contraponto às produções clássicas, modernas ou contemporâneas vindas do continente europeu.



Precisamos começar a pensar e conversar sobre a importância de uma geopolítica do conhecimento:

Desde esta perspectiva, las implicaciones de la relación global-local y local-local se deben discutir también en el plano de lo epistémico, en tanto que la construcción de conocimientos desde el lugar y sus posibilidades de inserción en lo global generan tensiones pero también posibilidades de incorporar, en una dimensión transnacional, lo que los pueblos, comunidades, grupos llamados minoritarios y en general todos aquellos excluidos y marginalizados están produciendo y proponiéndole al mundo, desde sus particularidades, pero también desde sus alternativas al sistema mundo colonial globalizado (ACHINTE, 2016, ps. 76-77).

Construir conhecimentos a partir do “lugar” torna-se imperativo em uma lógica decolonial. Em nosso caso específico, a FURG está localizada no extremo sul do Brasil e foi construída sobre solo indígena, cuja presença remonta a cerca de 2000 anos. Mas este solo também carrega as marcas e o sangue dos povos africanos, cujos descendentes aqui vivem em diáspora após seus antepassados(as) terem sido violentamente traficados de África no porão de navios europeus e desembarcado no porto do Rio Grande - cidade fundada pelos colonizadores portugueses em 1737. Apesar do estado do Rio Grande do Sul ser por muitos caracterizado pela presença de colonos italianos e alemães que aqui aportaram ao final do século XIX, no sul do estado a presença negra é marcante, tanto pelo fato do porto da cidade fazer parte da rota do tráfico de escravizados como também pelo fato de os curtumes e charqueadas da cidade de Pelotas usarem trabalho de escravizados. Essa presença de africanos em Rio Grande e em todo sul até hoje se mantém, não só pela população mas também pela cultura e religiosidade popular da região fortemente marcadas pela herança africana. O eurocentrismo, enquanto paradigma de conhecimento aplicado em nossas universidades, nos distancia do lugar e do solo onde as universidades foram erguidas e um de seus efeitos é a produção de conhecimento descolada da realidade das comunidades locais.

Para problematizar essas questões, podemos contribuir com a revisão ou ampliação do conceito de território. Israel Pinheiro, pesquisador guarani, geógrafo e doutor em educação pelo PPGEDU-UFRGS, afirma que o território se apresenta sob quatro dimensões: política, social, religiosa e econômica. E nos apresenta a concepção guarani de “território”, ligado ao prefixo “teko”:



Para nós guarani, o conceito de território pode ser expressado por meio do tekoa (grifo nosso). O teko é o sistema de valores éticos e morais do nosso modo de ser, o sufixo (ha) indica lugar, onde se dão as condições para ser e praticar o modo de ser guarani (PINHEIRO, 2024, p.113).

Assim, podemos perceber porque a demarcação das terras indígenas tem um outro papel para seu povo e seus “parentes”², visto a relação destes povos com a natureza e a espiritualidade e sua importância para o “bem viver” - uma vida em equilíbrio. Como afirma ainda Pinheiro “cada povo reconhece o seu território e demarca-o simbolicamente” (2024, p. 114). Assim, o conceito de território deixa de ser unidimensional ou ligado apenas a questão da posse ou propriedade de um meio físico:

O território na concepção Guarani, é um ser e um bem coletivo, destinado a produzir e satisfazer as necessidades de todos os membros de uma determinada comunidade. Dessa forma, o conceito de território define a territorialidade que é muito significativo para as populações indígenas. A territorialidade é necessária para a construção de um território, ligada ao simbólico e à identidade. O tekoa não está ligado unicamente ao território, mas estabelece relação com a estrutura social e política do povo Guarani, ou seja, a territorialidade. (Pinheiro, 2024, p. 115).

Em sintonia com a multidimensionalidade expressa na concepção de território para os povos guaranis, Fernanda Brabo Sousa, pesquisadora no campo da educação indígena, aponta também a contribuição de um importante pensador argentino nos estudos decoloniais. Rodolfo Kusch traz o horizonte simbólico para nos fazer entender o território e a cultura, dentro da cosmovisão dos povos originários:

Detrás de toda cultura está siempre un suelo. No se trata del suelo puesto así como la calle Potosí en Oruro, o Corrientes en Buenos Aires, o la pampa, o el altiplano, sino que se trata de un lastre en el sentido de tener los pies en el suelo, a modo de un punto de apoyo espiritual, pero que nunca logra fotografiarse, porque no se lo ve. [...] (KUSCH, 2000b, p. 109 - 110; apud Sousa, 2018, p. 255).

A produção de conhecimento ligado ao território deve valorizar saberes populares: saberes de povos tradicionais, africanos em diáspora e mesmo das comunidades tradicionais. É um conhecimento, portanto, que deve estar ligado à realidade social. Paulo Freire, cuja obra teve influência de pensadores anticoloniais como Fanon, afirma em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, escrito em 1996:



Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária(...) Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes (...).

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (FREIRE: 1997, p.17).

A obra de Freire filia-se a obras de autoras e autores que antes dele participavam dos movimentos anticoloniais e seu conteúdo ainda é atual também para pensarmos a transformação da universidade. Albernaz e Carvalho apontam a necessidade de mudanças no que de fato importa, nos conteúdos e práticas previstas em nossos currículos:

A luta antirracista dos acadêmicos deve começar no ambiente acadêmico, assim como a luta descolonizadora deve começar na academia colonizada (Carvalho, 2006, 2020).

A luta antirracista, no contexto acadêmico, corresponde à intervenção em todos os espaços da universidade, não apenas no corpo discente, mas também no corpo docente, nos currículos dos cursos de graduação e de pós-graduação, e na própria constituição da instituição universitária (ALBERNAZ E CARVALHO: 2022, p.336).

2

No curso de Artes Visuais Bacharelado / FURG incorporamos o estudo de algumas dessas questões na disciplina de Metodologia I, a partir da reforma curricular realizada em 2023 (Resolução N° 25/2023 do CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E ADMINISTRAÇÃO / FURG). Na ementa encontramos essa descrição:

Saberes e Epistemologias dominantes. Eurocentrismo, Modernidade e Colonialidade. Racionalidade versus outros modos de pensar e conhecer. Epistemologias decoloniais e insurgentes e novas metodologias de pesquisa na universidade brasileira. Diálogos e encontros de saberes. Interculturalidade. Introdução aos métodos,



técnicas e procedimentos da pesquisa acadêmica. Oralidades e Visualidades na Pesquisa em Artes e na Educação.

Nessa disciplina, desde 2023, tenho trabalhado com bibliografias preponderantemente vindas de autoras e autores não europeus, e a partir da ementa propondo conteúdos que buscam levar aos estudantes que estão no segundo semestre do curso o debate sobre as epistemologias a partir de conteúdos sobre Modernidade e Colonialidade; a racionalidade versus outros modos de pensar e conhecer, explorando os conceitos de Sentipensar e Corazonar; metodologias de pesquisa e povos indígenas. O foco também se faz no estudo de autoras e autores brasileiros e brasileiras que estudam as questões de classe, gênero e raça na sociedade brasileira e sua relação com os saberes e epistemologias. Venho priorizando nos últimos oito anos, em minhas atividades como docente de diferentes disciplinas, o uso de referências teóricas e artísticas não-europeias, sobretudo artistas e pesquisadores/as brasileiros/as ou latino-americanos/as e também venho pesquisando sobre a arte indígena, arte afrobrasileira e lendo e textos de intelectuais negros/as e indígenas. E buscando trabalhar tanto na sala de aula como em projetos e ações de extensão e cultura na universidade, a valorização dos saberes populares e tradicionais, saberes que englobam a arte e a cultura dos povos africanos e indígenas.

Por outro lado, entre 2017 e 2023 vários projetos e ações foram desenvolvidos junto ao curso de artes visuais da FURG tendo como objetivo proporcionar vivências interculturais para a comunidade acadêmica, com a valorização de saberes não europeus. Neste texto vamos descrevê-los brevemente, tendo a intenção de em um próximo artigo detalhar e problematizar estas ações no contexto atual da universidade pública no Brasil.

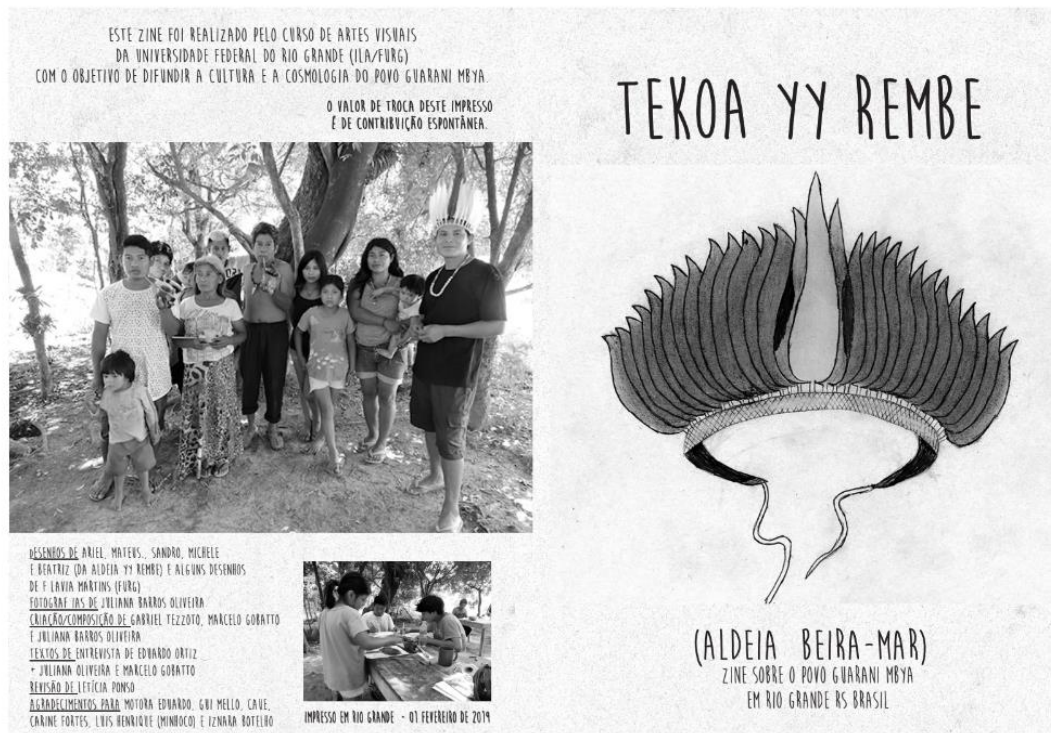


Figura 1 Zine Aldeia YY Rembe, 2019.

A partir de 2017 a Oficina de Vídeo e a Coordenação dos Cursos de Artes Visuais apoiaram uma série de ações do Coletivo de Estudantes Indígenas da universidade, como o registro audiovisual de eventos e produção de material gráfico. Entre 2017 e 2019 organizamos uma série de vivências junto à aldeia guarani Yy Rembé - localizada em Domingo Petrolina, área rural da cidade do Rio Grande e em 2019 produzimos um zine (Figura 1), com tiragem inicial de 50 exemplares, com informações e relatos sobre a cultura guarani, a partir de uma entrevista com o cacique Eduardo Ortiz. Os zines foram doados para a aldeia.

Entre 2018 e 2019 é importante destacar a colaboração para a realização do projeto de extensão Encontro de Saberes, coordenado pela professora Letícia Ponso e o professor Alfredo Martín e que contou também com o apoio de Guilherme Mello dos Santos. Foi realizado um seminário com o protagonismo de estudantes indígenas, negros, negras e quilombolas - de graduação e pós-graduação da universidade, com a apresentação de pesquisas e debates. Na programação do evento, realizamos uma vivência na aldeia guarani Yy Rembé e num terreiro da cidade. Entre 2018 e 2019 foram realizadas também duas saídas de campo para a aldeia indígena de Pinhalzinho no norte do estado do RS e uma saída de campo para Osório, litoral norte



do estado, para acompanhar a Festa do Maçambique, espécie de congada do sul que é organizada anualmente por um grupo de remanescentes do quilombo de Morro Alto.

Em 2020 idealizamos junto com as lideranças do coletivo de estudantes indígenas, Jocemar Cadete e Jane Moraes, o projeto Raízes Indígenas, coordenado por mim e por Guilherme Mello dos Santos e que teve como bolsista e colaboradora a estudante kaingang Jacqueline Tedesco.



Figura 2 - Raízes Indígenas: Diálogos Interculturais. Galeria Espaço Incomum, 2019.
Cartaz da Exposição - Arte: Guilherme Mello dos Santos.

Entre as ações realizadas nesse período, destacamos a exposição Raízes Indígenas realizada em abril de 2019 no Espaço Incomum - galeria da universidade (Figura 2). Foram exibidas fotografias realizadas pelas estudantes indígenas que participaram das oficinas de fotografia ministradas entre 2018 e 2019 por Guilherme Mello e Juliana Oliveira, e ainda fotografias de estúdio de um grupo de estudantes indígenas realizadas por Branca Lamas, fotógrafa e técnica do curso de artes visuais.



Figura 3 - Diáspora X. Exposição na Galeria Espaço Incomum, 2018. Foto: autor.

O protagonismo de estudantes negros/negras e negres na idealização, produção e curadoria de exposições e mostras na FURG começa em 2018, quando o Centro Acadêmico das Artes Visuais - Maria Auxiliadora realiza Diáspora X com a participação de Gabriel Jerônimo, Fábio Rodrigues, Afrokalíptico (Paulo Ferreira), Luz Sampaio, Cléberson Milão, Gabi Assusção, Luh Suterio e Miriã Diniz, Caroline Fortes e Leandro Machado como artista externo convidado (Figura 3).

Em julho de 2022, a partir da experiência na disciplina de Processos de Criação em Arte e Análise da Imagem, eu e Macauli Farias de Oliveria, estudante da licenciatura em arte e monitor, idealizamos o projeto de Extensão e Cultura DAQUI - série de exposições de artistas locais. O projeto tem como objetivo aproximar a produção de artistas do Rio Grande e cidades do entorno, como São José do Norte, Arroio Grande e Pelotas, da comunidade de estudantes de artes e da comunidade em geral.

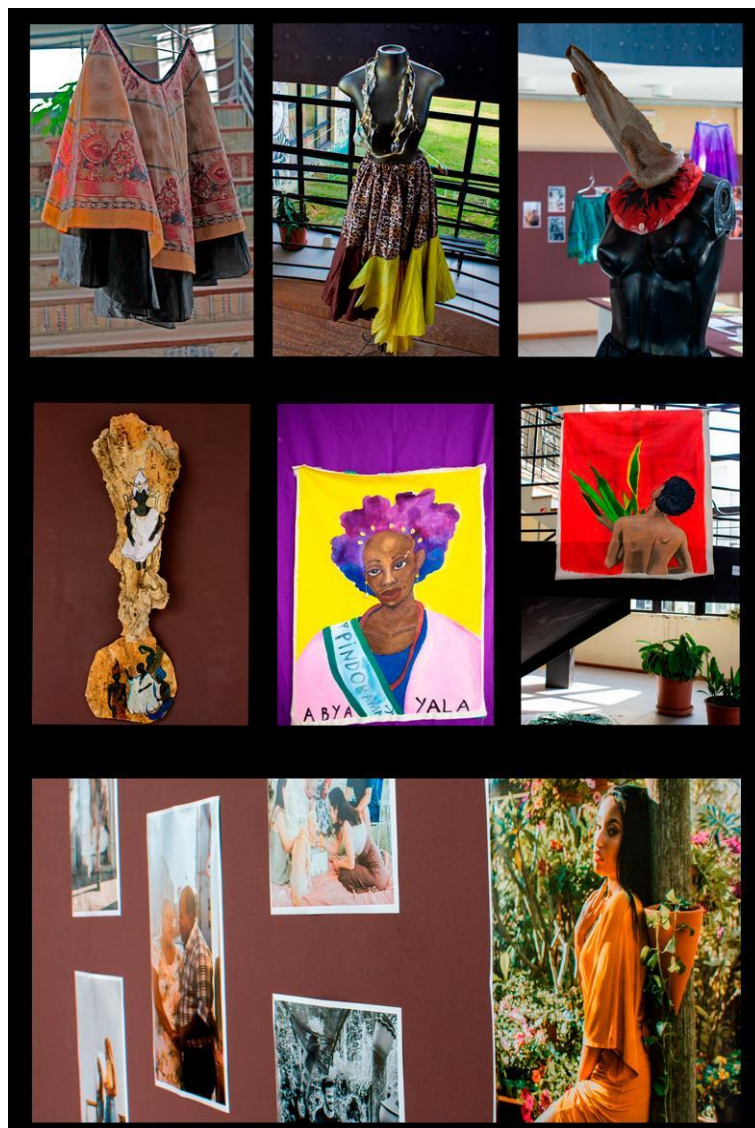


Figura 4 - Obras de Sandra Lee, Afrokalíptico e Pamela Rodrigues. Tríade de Criação. Exposição no Átrio, Prédio das Artes, 2022. Foto: Carolina Fidelis.

A primeira exposição convidou três artistas da cidade: Sandra Lee Ribeiro, Pamela Rodrigues e Paulo Ferreira (Afrokalíptico). Chamou-se Tríade de Criação (Figura 4). Duas artistas negras e um artista negro. Paulo era estudante do curso de bacharelado na época e Sandra Lee egressa do curso de licenciatura. O processo de curadoria da exposição foi colaborativo desde o princípio, com reuniões entre a equipe do projeto e artistas, definindo as obras, o título e o conceito da exposição. A montagem da exposição ocorreu no Prédio das Artes.



Figura 5 - Ocupação Odoyá. Galeria Espaço Incomum, 2022. Foto: autor.

A Ocupação Odoyá foi realizada em novembro de 2022 na Galeria Espaço Incomum com a presença de cerca de 50 artistas pretos/as/es da cidade do Rio Grande e da região sul: São José do Norte, Arroio Grande e Pelotas (Figura 5). Sua organização teve a participação da equipe dos projetos de extensão e cultura Galeria Odoyá e ExpoArtes DAQUI, com a curadoria coletiva de Letícia Ponso, Paulo Ferreira, Sandra Lee, Alisson Justamant e Marcelo Gobatto. A exposição homenageou o curador e fomentador do projeto Galeria Odoyá, Kaciano Gadelha (em memória), e ainda os artistas João Eli (Rio Grande, 1952-2014) e José Darci (Arroio Grande, 1960) por serem referências no campo das artes do sul do estado, e tendo os dois atuação no movimento negro de suas cidades.

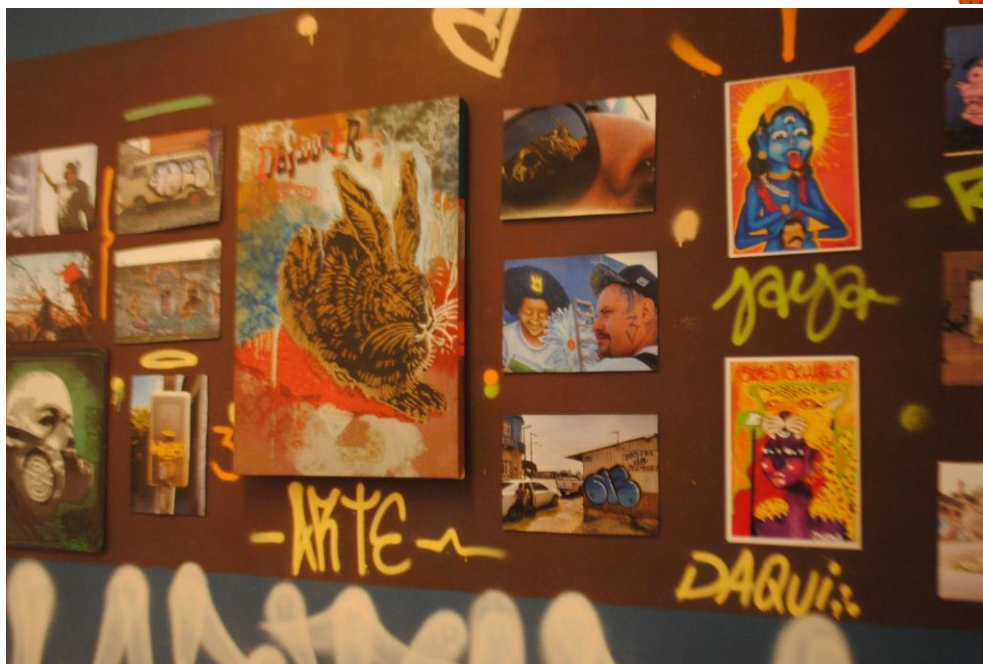


Figura 6 - Arte Urbana. Exposição no Átrio, Prédio das Artes, 2022. Foto: Carolina Fidelis.

Ainda em 2022 a Exposição Arte Urbana (Figura 6) ocorreu no Átrio do Prédio das Artes com a participação de 4 artistas da cidade: Diego N3, Jaya, Ah Nanse e Lia Og. Em 2023 foram realizadas mais três exposições pelo projeto DAQUI: Seio Brasileiro, Ventre Africano; Artesania e Recriar.



Figura 7 - Conversa com mulheres negras, Exposição Seio Brasileiro, Ventre Africano. Galeria Espaço Incomum, 2023. Foto: autor.



Seio Brasileiro, Ventre Africano foi realizada na galeria Espaço Incomum, localizada no centro de convivência da universidade no Campus Carreiros, no mês de julho de 2023, data escolhida em razão do dia 25 de julho, dia mundial da mulher negra, latino-americana e caribenha (Figura 7). E no Brasil, dia de homenagear Tereza de Benguela. Teve a curadoria conjunta de Cassiane Freitas Paixão (professora da área de Sociologia, ICHI-FURG) e Gabi Assusção (estudante do curso de bacharelado, artista trans e preta). No texto de apresentação da exposição consta:

Os debates sobre as vivências de mulheres negras costumam ser atravessados pelas questões de apagamento intelectual, silenciamento, objetificação dos corpos, marginalização social e contínuos processos de luta pela sobrevivência em um mundo estruturado pelo racismo. Porém, como bem afirma Cátia Maringolo no prefácio de Narrativas Negras (2020): [...] para além de falar de RESistência, interessa-me profundamente falar de múltiplas, variadas e multicoloridas EXISTÊNCIAS de mulheres negras.



Figura 8 - Obra de Elis Regina. Exposição Artesania, no Átrio, Prédio das Artes, 2022. Foto: Carolina Fidelis.

Artesania (Figura 08) apresenta obras da artista Elis Regina Gentil (da Ergue Esculturas) e de Tiago (do Atelier Mão Livre) . Elis apresenta entre outras uma série de 4 esculturas em madeira denominadas “Os bichos e o lixo” e que refletem sobre o irracional da sociedade. Tiago traz uma parcela de suas “As Mil caras do Jerivá”. Em



comum, entre outras coisas, Elis e Tiago têm como material e “suporte” (a base) de suas obras materiais do cotidiano e o respeito ao meio-ambiente. Elis utiliza a madeira de troncos descartados de árvores; Tiago o talo das folhas do Jerivá - coqueiro ou palmeira encontrado em Rio Grande e nativo da nossa Mata Atlântica. Os dois compartilham também a “artesanaria” de suas obras. Palavra que curiosamente remete ao modo e “ato de fazer o artesanato” mas também à experimentação e a invenção.



Figura 9 - Obra de Fabiana Stone. Exposição Recriar, no Átrio, Prédio das Artes, 2022.
Foto: Carolina Fidelis.

Ainda em 2023 realizamos a exposição Recriar com obras de Fabiana Stone (Figura 09). A artista que vive em Rio Grande é egressa do Curso de Artes Visuais da FURG e atualmente professora de escultura na tradicional Escola de Belas Artes Heitor Lemos - escola pública municipal que oferece de forma gratuita uma série de práticas artísticas as comunidades vulneráveis do entorno, incluindo artes visuais, música e dança. Stone apresentou uma série de esculturas de pequenas e grandes dimensões em que trabalhou com papel machê a partir de materiais reciclados. Há mais de doze anos trabalha com esta técnica com maestria e relata que o uso de materiais reciclados surge pela sua preocupação com a questão ambiental. Importante destacar que na exposição Recriar, todas as 12 esculturas foram acessibilizadas para pessoas cegas e com baixa visão foi realizada através da disponibilização da descrição em braille e de um QR Code junto a cada obra que permitia o acesso à audiodescrição



(Figura 1). A descrição das obras ocorreu a partir de uma parceria entre o Núcleo de Estudos e Ações Inclusivas (NEAI) e o Instituto de Letras e Artes (ILA), por meio do curso de Artes Visuais. Essa foi a primeira exposição com acessibilidade nos espaços de exposição da universidade e a partir dela outras exposições têm adotado a mesma ação.



Figura 10 - Visita de estudantes da Escola de Educação Especial José Álvares de Azevedo. Exposição Recriar, no Átrio, Prédio das Artes, 2022. Foto: Carolina Fidelis.

O breve relato deste conjunto de ações vinculadas a projetos de extensão e cultura dos Cursos de Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura tem o objetivo de caracterizar a importância de ações práticas e não só de discursos e abordagem de conteúdos relacionados a valorização da arte afrobrasileira e indígena, a uma educação antirracista ou a preservação do meio-ambiente, por vezes de forma descontextualizada de nossas realidades locais. Valorizar a produção artística local, mesmo a produção que podemos chamar de arte popular, e proporcionar autonomia e protagonismo a estudantes indígenas e negres também é uma forma eficaz de descolonizarmos o ensino e a pesquisa em nossas universidades.



Referências

ACHINTE, Adolfo Albán (org.). *Texiando Textos y Saberes: Cinco hilos para pensar los estudios culturales, la colonialidad y la interculturalidad*. Cauca/Colômbia: Universidad del Cauca, 2006.

ALBERNAZ, Pablo de Castro e CARVALHO, José Jorge de. Encontro de Saberes: por uma universidade antirracista e pluriepistêmica. *Horiz. antropol.*, Porto Alegre, ano 28, n. 63, p. 333-358, maio/ago. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/h/a/F9NpLCqhy5tzj5GwcHFY86h/abstract/?lang=pt>. Acesso em 10 maio 2024.

FALS BORDA, Orlando. *Una sociología sentipensante para América Latina / Orlando Fals Borda ; antología y presentación, Víctor Manuel Moncayo*. México, D. F. : Siglo XXI Editores ; Buenos Aires : CLACSO, 2015.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GUERRERO ARIAS, Patricio. Corazonar desde las sabidurías insurgentes el sentido de las epistemologías dominantes, para construir sentidos otros de la existencia. *Sophia, Colección de Filosofía de la Educación*, núm. 8, 2010, pp. 101-146. Universidad Politécnica Salesiana. Cuenca, Ecuador.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó. Edição do Kindle, 2021..

MAZA, Noemi Villaverde . *Islas Andamán y sus últimas lenguas: susurros de sueños y cantos*. 2016. Disponível em: <http://unaantropologaenlaluna.blogspot.com/2016/07/corazonar-sentipensar-y-sentisaber-un.html>. Acesso em: 10 maio 2024.

PINHEIRO, Isael da Silva. *ARANDU: A Pedagogia Guarani das Belas Palavras*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutorado em Educação. Porto Alegre, 2024.

PINTO, Júlio Roberto de Souza e MIGNOLO, Walter A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. *Civitas*, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 381-402, jul.-set. 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2005.

Resolução N° 25/2023 do COEPEA - CONSELHO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E ADMINISTRAÇÃO da Universidade, de 22 de dezembro de 2023. Dispõe sobre alteração curricular para curricularização da extensão no curso de Artes Visuais Bacharelado. Disponível em: <https://conselhos.furg.br/resolucoes-coepea/resolucoes-2023/pleno/resolucoes-coepea-pleno-2023-27>. Acesso em: 10 maio 2024.

Notas



1 O projeto teve também a colaboração de Gabriel Tezzoto (concepção e design) e Juliana de Oliveira (fotos). Com desenhos de Ariel, Mateus, Sandro, Michele e Beatriz (guaranis) e alguns desenhos de Flávia Martins - estudante do curso de Artes Visuais/FURG.

2 Não se refere ao parentesco biológico mas é usado como uma forma de reconhecimento aos indígenas em geral. Reflete também a organização e os valores éticos e ancestrais desses povos.